

A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM UMA MENSAGEM MENTIROSA: UMA ABORDAGEM À LUZ DA SEMIÓTICA DISCURSIVA

Rafaella Oppermann Miranda¹

Luciana Maria Crestani²

Resumo: Neste trabalho, com o intuito de colocar em discussão mecanismos que produzem efeitos de verdade e de falsidade nos textos, analisamos uma mensagem mentirosa divulgada em redes sociais em 2023. Constituem nossos objetivos específicos explicitar o que o texto diz e para que o faz, explicar os principais mecanismos mobilizados em sua construção e os efeitos de sentido que projetam, além de apontar encaminhamentos didáticos para uma análise semiótica do texto na escola. O aporte teórico-metodológico se dá com base na Semiótica Discursiva, principalmente em trabalhos de Barros (2005, 2020), Fiorin (2004, 2022) e Gomes (2019). Centramo-nos no nível discursivo do texto, enfocando a projeção da enunciação no enunciado por meio do mecanismo da debreagem e seus efeitos de sentido, bem como o recurso da ancoragem e o efeito derivado. Verificamos a alternância de discursos em primeira e em terceira pessoa, que projetam efeitos de sentido de subjetividade e objetividade, contribuintes ao estabelecimento de confiança entre os participantes da enunciação. Constatamos que o efeito de realidade resulta da ancoragem realizada mediante a figurativização de atores, datas e lugares. Concluímos que o estudo de mecanismos de construção de textos mentirosos pode ajudar a desmascarar esse tipo de texto.

Palavras-chave: Discursos mentirosos; análise semiótica; debreagem; ancoragem; efeitos de sentido.

CONSTRUCTING MEANING IN A FALSE MESSAGE: A DISCURSIVE SEMIOTIC APPROACH

Abstract: This study analyzed a false message posted to social media in 2023 to discuss the mechanisms that fabricate truth and untruth in statements. We specifically aimed to explain the text message and objective, the main construction mechanisms and their projected meaning effects. We also indicated

1 Estudante de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade de Passo Fundo, com bolsa CAPES. E-mail: 200060@upf.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7864-1313>

2 Doutora em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. E-mail: lucianacrestani@upf.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1265-7803>

didactic referrals for a semiotic analysis of the text in the school. The theoretical-methodological contribution is based on Discursive Semiotics, especially on studies by Barros (2005, 2020), Fiorin (2004, 2022), and Gomes (2019). We focused on the discursive aspect of the text, emphasizing the statement's enunciation projection through the shifting-out mechanism and its meaning effects and anchoring and its derivative effect. First- and third-person speeches alternated, projecting meaning effects of subjectivity and objectivity that help establish trust between the participants in the enunciation. The reality effect results from anchoring according to the figurativization of actors, dates, and locations. We concluded that studying the mechanisms for constructing false messages may help debunk this type of text.

Keywords: False discourses; Semiotic analysis; Shifting-out; Anchoring; Meaning effects.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em anos recentes, observamos a crescente produção e propagação de textos que, supostamente informativos, apresentam mentiras. A falsificação de fatos e informações, como nos lembra Genesini (2018), não é um fenômeno novo. O que testemunhamos como novidades são o crescimento viral e o efeito devastador dessas produções, alavancados pelas redes sociais. A desinformação parece haver atingido, afinal, um patamar inédito durante eventos como a pandemia de Covid-19, o conflito bélico entre Rússia e Ucrânia, as eleições gerais de 2022 no Brasil e os ataques violentos a instituições escolares deste país.

É diante desse quadro que situamos nosso estudo, o qual se volta ao cenário de investidas violentas a escolas³ e à divulgação de mensagens de alerta falsas sobre ameaças de novos ataques. Mais especificamente, interessa-nos o recorte temporal compreendido entre março e abril de 2023, quando dois ataques ocorreram em menos de dez dias, abalando o país: um deles a uma escola da capital paulista, em 27 de março de 2023; outro a uma creche em Blumenau, no estado de Santa Catarina, em 05 de abril de 2023. Nesse contexto, já marcado pela comoção e pelo temor, discursos mentirosos alcançaram grande difusão, acentuando o medo e a insegurança. É ilustrativa dessa conjuntura a declaração de que a divulgação de informações sobre um possível atentado poderia servir de incentivo a novos ataques, a qual, segundo reportagem de Mori e Lemos (2023) à BBC News Brasil, teria sido emitida pela Secretaria de Segurança Pública de São Paulo.

3 Relatório do MEC, "Ataque às escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental", lançado em novembro de 2023, revela 36 ataques a escolas entre os anos de 2002 a 2023, os quais resultaram em 164 vítimas, sendo 49 casos fatais e 115 pessoas feridas (Brasil, 2023).

Analisamos uma mensagem mentirosa⁴ divulgada em redes sociais logo após a sequência de ataques violentos às instituições escolares paulista e catarinense, com o intuito de colocar em discussão mecanismos que produzem efeitos de verdade e de falsidade. Desdobram-se, desse objetivo, outros três: a) explicitar o que o texto selecionado diz e para que o faz; b) explicar os principais mecanismos mobilizados em sua construção e os efeitos de sentido que projetam; e c) apontar encaminhamentos didáticos para uma análise semiótica do texto em escolas de educação básica. Acreditamos que nosso estudo pode contribuir com a compreensão do fenômeno que se convencionou chamar de *fake news* no tocante aos mecanismos de construção de textos mentirosos.

Para tanto, apoiamo-nos em preceitos da Semiótica Discursiva/Greimasiana, teoria que, segundo Barros (2005, p. 13, grifo original), “procura explicar o ou os sentidos do texto pelo exame, em primeiro lugar, de seu *plano do conteúdo*”. Em vista disso, inicialmente, retomamos certos fundamentos e determinadas noções da Teoria Semiótica. Na sequência, procedemos ao exercício analítico e, em seção posterior, à apresentação dos encaminhamentos que consideramos adequados à realização de uma análise semiótica do texto na escola.

2 A TEORIA SEMIÓTICA: ALGUNS APONTAMENTOS

O estudioso da linguagem Algirdas Greimas (1917-1992) defendeu uma Semântica gerativa, sintagmática e geral. Trocando em miúdos, uma Semântica que percebesse o fato de que diferentes elementos da superfície textual podem significar de mesmo modo em um nível mais profundo; uma Semântica que se preocupasse em explicar a produção e recepção do discurso; uma Semântica que tivesse como postulado a ideia de unicidade de sentido, manifestado por diferentes planos de expressão (Fiorin, 2022). Contribuem para nosso conhecimento da teoria encabeçada por Greimas trabalhos de brasileiros como Diana Luz Pessoa de Barros e José Luiz Fiorin, aos quais recorreremos sistematicamente neste estudo.

A Teoria Semiótica é, antes de tudo, uma teoria do texto, objeto que procura descrever e explicar. Assume, para tanto, o texto como objeto de significação e objeto de comunicação. Isso significa que a Semiótica reconhece como condição para a existência do texto a dualidade interno-externo. Assim é que essa teoria se volta ao exame dos procedimentos internos da organização textual ao mesmo tempo em que se ocupa da análise dos mecanismos enunciativos do texto (Barros, 2005).

Definido por sua organização interna e por suas determinações contextuais, o texto pode ser verbal (oral ou escrito), não verbal (visual ou gestual), ou sincrético

4 De acordo com Barros (2020), no campo da Semiótica Discursiva, as questões da verdade têm sido tratadas sobretudo pelos estudos da modalização veridictória. Na veridicção, os discursos podem ser entendidos como verdadeiros (que parecem e são), secretos (que não parecem, mas são), falsos (que não parecem e não são) e mentirosos (que parecem, mas não são). Considerando essa diferenciação, passamos a usar a última classificação porque entendemos que a mensagem de que nos ocupamos parece ser verdadeira, mas não o é.

(reunião de mais de uma expressão, como, por exemplo, as histórias em quadrinhos). Em nossa análise, trataremos de um texto verbal que, em sua forma primeira, segundo a iniciativa virtual Boatos.org, não se apresentava de modo escrito, mas que, por razões diversas, passou a essa modalidade nesse site em que encontramos o texto.

Não havendo conteúdo que não seja veiculado por meio de expressão, o texto é resultado da união de dois planos, o do conteúdo e o da expressão. Dessa união resulta a manifestação textual. De acordo com Fiorin (2022), a diferenciação entre plano do conteúdo e plano da expressão é decorrente de uma necessidade metodológica de examinar como um mesmo conteúdo pode expressar-se por meio de diferentes planos de expressão, a exemplo de uma negação (conteúdo), que pode ser expressa de modo verbal ou gestual (planos de expressão).

Para a construção do sentido do texto, a Semiótica concebe um percurso gerativo de sentido, “uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetível de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido, num processo que vai do mais simples ao mais complexo”, nas palavras de Fiorin (2022, p. 20). Três são os níveis ou patamares desse percurso: o fundamental, o narrativo e o discursivo. Para os propósitos de nosso trabalho, buscamos explorar mais este último.

O nível fundamental é aquele que concentra oposições semânticas do tipo *vida/ versus /morte*, *liberdade/ versus /opressão* e *emoção/ versus /razão*. A cada um dos elementos da categoria de base do texto é atribuído um traço de positividade ou negatividade, ou, em termos mais precisos, traços de */euforia/* ou */disforia/*. Chamamos de eufórico aquele a que é atribuída a qualificação semântica positiva e de disfórico aquele investido de qualificação semântica negativa. Lembra-nos Fiorin (2022) que a euforia e a disforia não são jamais valores determinados pelo leitor, mas sim inscrições dadas no texto.

No segundo patamar, encontramos os elementos da categoria semântica assumidos enquanto valores por um determinado sujeito. Esse nível abriga a narratividade do texto, compreendida como as transformações realizadas ou propostas no/pelo texto⁵. Trata-se de uma transformação em que sujeitos disputam objetos-valor e passam de um estado inicial, que pode ser de privação ou aquisição desse valor, para um estado final oposto àquele.

O nível narrativo de um texto canônico abrange uma sequência de quatro fases: a manipulação, a competência, a performance e a sanção. Na primeira, um sujeito age sobre outro para induzi-lo a fazer algo. Na fase da competência, o sujeito que realizará a transformação é dotado de um saber e/ou poder que lhe

5 Conforme explica Discini (2005, p. 274), as transformações podem se manifestar como virtualidade, um desejo de transformação: “Qualquer mudança de estado de um sujeito, qualquer transformação sofrida ou proposta para ser sofrida por ele, representa um estágio da narratividade. [...] De qualquer enunciado se extrai o movimento narrativo de um sujeito que manipula outro para que este queira e deva entrar em conjunção com um determinado valor”.

propicia realizar a transformação. Já a performance corresponde à transformação propriamente dita. A sanção, por sua vez, é a fase em que ocorre a constatação de que a transformação aconteceu, sendo o sujeito que a realizou premiado ou punido. Cumpre admitir que nem sempre os textos apresentam explicitamente essas quatro fases, já que podem ater-se a uma delas, deixando as demais pressupostas.

Já no último nível do percurso, o discursivo, as oposições da categoria de base (nível fundamental) ganham maior concretude, desenvolvendo-se por meio de temas e figuras. A oposição *pureza/ versus /impureza*, por exemplo, pode ser manifestada, no nível narrativo, como uma passagem do estado impuro para o estado puro. Finalmente, no nível discurso, os valores pureza e impureza podem ser realizados por um tema como o do racismo, desenvolvido na perspectiva da eliminação do povo negro (Barros, 2005).

Cada um dos níveis do percurso gerativo de sentido é constituído por um componente sintático e um componente semântico. A propósito do nível discursivo, que consideramos o mais importante para nossa análise, cumpre saber que sua sintaxe abrange dois aspectos: i) projeções da instância da enunciação no enunciado e ii) relações entre enunciador e enunciatário (Fiorin, 2022).

A esta altura, consideramos importante ter presente definições de discurso e de enunciação a fim de amparar o entendimento da Teoria Semiótica. Discurso, segundo Barros (2005), é a narrativa enriquecida pelas opções do enunciador, as quais marcam a relação da enunciação com aquilo que se diz. É, pois, o discurso produto da enunciação. Já a enunciação nada mais é que o processo de produção do discurso (Fiorin, 2022).

No que se refere às projeções da enunciação, podem ser verificados dois mecanismos principais: a *debregem* e a *embregem*. Aquele é o mecanismo por meio do qual se projetam no enunciado as pessoas (eu/tu), o espaço (aqui) e o tempo (agora), ou a pessoa (ele), o espaço (alhores) e o tempo (então). Ao primeiro caso chamamos *debregem enunciativa*; ao segundo, *debregem enunciva*. Essas *debregens* produzem, respectivamente, discursos em primeira e em terceira pessoa, os quais, por sua vez, produzem efeitos de subjetividade e de objetividade (Fiorin, 2022).

A seu tempo, o mecanismo da *embregem*, de acordo com Fiorin (2022), realiza uma suspensão das oposições de pessoa, de espaço e de tempo. Em outras palavras, pode ser neutralizada uma *debregem* anterior e restar no enunciado um termo enunciativo – *embregem enunciativa* – ou um enuncivo – *embregem enunciva*.

Os efeitos de sentido das projeções da enunciação no enunciado e as relações entre enunciador e enunciatário serão elucidados na continuidade, com a análise da mensagem. Passamos a observar como os efeitos de objetividade e de subjetividade caracterizam o texto e em que medida contribuem para o estabelecimento de confiança entre os participantes da enunciação (enunciador e enunciatário).

3 O TEXTO E SEUS EFEITOS DE SENTIDO

Como já anunciamos, pudemos localizar apenas a forma transcrita do texto de que nos ocupamos. Entendemos que isso não implica em total prejuízo para nosso trabalho, uma vez que podem ser realizadas a descrição e a explicação dos mecanismos de construção da mensagem apresentados na transcrição.

O texto encontra-se no site Boatos.org⁶, iniciativa criada em 2013 e gerenciada por uma equipe de jornalistas com o objetivo de reunir mentiras contadas na internet, prestando, assim, um serviço para o usuário da rede. Nesse viés, cabe observarmos que, como muito bem assinala Gomes (2019), os mecanismos de verificação de notícias pouco têm contribuído para a diminuição da veiculação e reprodução de *fake news*, dado o número de leitores crédulos que replicam tais notícias. Sendo assim, resulta evidenciada a necessidade de leituras que observem as formas de construção da mentira nos textos.

Isso posto, apresentamos, a seguir, nosso material de análise.

1	Pessoal, não vá para a escola dia vinte de abril. Pais, não deixem seus filhos irem para a escola
2	neste dia. Dia vinte de abril, faz vinte e quatro anos que o massacre de Columbia aconteceu. Um dos
3	mais marcantes e tristes que já aconteceram nos Estados Unidos e infelizmente a gente tem visto na
4	internet pessoas endeusando esse tipo de atitude e ao que parece essas pessoas tem grupos no Discord,
5	no Telegram, onde elas armam essas coisas.
6	Eles fazem uma espécie de jogo entre eles qual eles seguem uma agenda com locais marcados
7	em várias cidades e estados para fazerem várias atrocidades e ao que parece teria vazado que dia vinte
8	de abril para aproveitar a data de aniversário desse massacre em Columbá hein Vários grupos estariam
9	organizando um grande massacre. Esse é um video completamente informativo e eu preciso que vocês
10	compartilhem com o maior número de pessoas.
11	Por favor, tenham cuidado. A gente está vendo um cenário terrível no nosso país onde creches,
12	escolas estão sendo invadidas. Mesmo que seja só um rumo, gente, por favor, dia vinte de abril não vá
13	para a escola. Compartilhe com as pessoas e mande aí pro maior número de amigos e familiares que
14	você conheça.

A mensagem inicia com um direcionamento para o interlocutor (*Pessoal*, não vá para escola dia 20 de abril), dando-lhe um conselho que soa mais como uma ordem. Ao instaurar um *tu*, o sujeito do dizer se propõe como *eu*, o que indica uma debreagem enunciativa de pessoa. Distinguimos, na sequência, as marcas enuncivas de espaço “a escola” (alhores) e de tempo “dia vinte de abril” (então). Ainda na linha 1, há um novo apelo direto ao interlocutor – vocês (*Pais*, não deixem seus filhos irem para a escola neste dia). Adiante, observamos outra marca enunciva de espaço - “nos Estados Unidos” (linha 3).

Uma marca enunciativa de pessoa surge também na terceira linha - “a gente”. Na continuidade, novas marcas enuncivas são expressas: “na internet” (espaço), “pessoas” (pessoa), “essas pessoas” (pessoa), “grupos no Discord, no Telegram” (espaço) e “elas” (pessoa).

6 Disponível em: <https://www.boatos.org/brasil/grupos-estao-organizando-ataques-em-massa-nas-escolas-no-dia-20-de-abril-boato.html>.

No segundo parágrafo, predominam marcas enuncivas, como “eles” (pessoa, linha 6), “várias cidades e estados” (espaço, linha 7), “dia vinte de abril” (tempo, linha 7-8), “Vários grupos” (pessoa, linha 8). Na linha 9, há a marca enunciativa de pessoa “eu”. No início do último parágrafo, há outra marca enunciativa de pessoa, “a gente” (linha 11), e uma marca enunciativa de espaço aparece em seguida – “nosso país” (linha 11).

As marcas enuncivas, respectivamente de tempo e de espaço, “dia vinte de abril” e “a escola” voltam a aparecer entre as linhas 12 e 13. Nessa mesma linha, “as pessoas” (pessoa) também é debreagem enunciva, enquanto o “aí” (lugar) é enunciativa, uma vez que se opõe ao *aqui* do enunciador. Também os verbos no modo imperativo – “vã” (linhas 1 e 12), “não deixem” (linha 1), “tenham” (linha 11), “compartilhe” e “mande” (linha 13) – configuram-se como marcas enunciativas de pessoa.

Interessa-nos observar, em especial, a projeção de pessoa (debreagem actancial), uma vez que é em relação a essa categoria que se organizam as de tempo e de espaço. Como é possível perceber, no texto, intercalam-se projeções em primeira e em terceira pessoa, alternando efeitos de sentido. O discurso em terceira pessoa produz a ilusão de objetividade; o discurso em primeira pessoa fabrica um efeito de subjetividade. A alternância entre um discurso e outro poderia sugerir a parcialidade dos “fatos”, especialmente porque as escolhas para projeção de pessoa produzem efeitos de informalidade e de coloquialidade nesse texto.

Barros (2020) assinala que uma das estratégias fundamentais das *fake news* consiste no emprego de diferentes pessoas do discurso. Com a autora (2020), entendemos que a primeira pessoa, tanto do singular quanto do plural, como “eu” e “a gente”, no caso do texto em análise, produz o efeito de aproximação sensorial e emocional entre o enunciador e o enunciatário. A seu tempo, a terceira pessoa fabrica a ilusão de isenção do enunciador (impessoalidade/objetividade) e é usada para ganhar a confiança do interlocutor do texto. Já os direcionamentos ao interlocutor criam cumplicidade com o destinatário da mensagem, convidando-o a contribuir com o compartilhamento do texto.

Neste ponto, cabe a distinção das imagens dos participantes da enunciação construídas discursivamente, ou seja, do *ethos* do enunciador e do *pathos* do enunciatário. Como nos ensina Fiorin (2004), *ethos* e *pathos* constituem simulacros do autor e do interlocutor do texto, respectivamente, que determinam as escolhas enunciativas produtoras do discurso. Em vista das escolhas projetadas no texto, notamos que o enunciador da mensagem apresenta o *ethos* de um ser que, temeroso pelo outro, busca protegê-lo. O enunciatário, por sua vez, tem sua imagem construída como alguém que precisa de proteção. Considerando o fato de a eficácia discursiva ligar-se diretamente à adesão do enunciatário, devemos observar que o texto encontra espaço para a concretização de sua intenção discursiva à medida que o interlocutor da mensagem assume o *pathos*, o que pode ocorrer facilmente, haja vista que qualquer um tende a aderir a um lugar de proteção frente a um cenário de perigo para si e os seus.

A propósito da debreagem enunciativa, aquela que se constrói com o “ele”, o “alhores” e o “então”, consideramos importante distinguir determinados tempos mobilizados no material em análise. De acordo com Fiorin (2022), a construção do tempo linguístico é feita mediante a projeção concomitância/ *versus* /não concomitância ao momento da enunciação. No texto, reclamam atenção as formas “teria vazado” (linha 7) e “estariam organizando” (linhas 8-9). Essas formas correspondem ao futuro do pretérito do modo indicativo e criam, ainda que de modo ténue, um efeito de sentido de incerteza, sugerindo a antecipação de informações não verificadas completamente. Essa incerteza, que se aplica também às ações de grupos organizados em plataformas de comunicação, é corroborada pelas duas ocorrências da expressão “ao que parece” (linhas 4 e 7).

Outro efeito de sentido produzido pelo texto é o de realidade ou de referente. Isso porque o discurso simula a realidade ao amarrá-lo a pessoas, espaços e datas que funcionam como referentes para o interlocutor. O efeito é resultante do procedimento semântico de ancoragem, que consiste na concretização dos atores, espaços e tempos (Barros, 2005). Nesse viés, o massacre de Columbine⁷, ocorrido em 1999, grupos existentes nas plataformas de comunicação Discord e Telegram, assim como o cenário brasileiro marcado por ataques a escolas funcionam como referentes que ancoram a mensagem num espaço e tempo histórico reconhecido pelo interlocutor e, assim, produzem efeito de realidade. A mensagem, portanto, mobiliza esses elementos reais para tornar verdadeiro aquilo a que se refere⁸.

Segundo Barros (2020), a ancoragem actancial, temporal e espacial, realizada por meio de figurativização dos atores, datas e lugares que os destinatários reconhecem, constitui outra estratégia fundamental em *fake news*. Admitimos que a mobilização dessa estratégia contribui sobremaneira para a produção do efeito de realidade e do argumento de autoridade, induzindo o leitor a crer no discurso, haja vista que essa mesma estratégia costuma ser utilizada na produção de matérias jornalísticas, como notícias e reportagens.

Nessa perspectiva, no nível discursivo, podemos distinguir o tema do potencial ataque revestido por figuras tais como o aniversário do massacre de Columbine, grupos na internet, espécie de jogo e instituições escolares invadidas no Brasil. Entendemos que a mensagem se caracteriza como um texto predominantemente figurativo, que cria um efeito de realidade ao construir um simulacro dela.

Já no nível narrativo do texto, identificamos uma narrativa complexa em que a manipulação se dá pela intimidação face ao potencial ataque, com a finalidade de dotar o enunciatário de uma competência (o saber) capaz de mantê-lo seguro.

7 Na transcrição, aparece “Columbia”, entretanto, entendemos que se trata de “Columbine”. Não podemos deixar de observar que a divergência quanto ao nome da escola pode funcionar como um índice de suspeita acerca da autenticidade da mensagem.

8 A respeito desta discussão, vale considerarmos que, muitas vezes, as *fake news* são acompanhadas de fotografias ou filmagens. Esses elementos, que funcionam como cópias da realidade, servem de referente para o interlocutor e contribuem com a fabricação do efeito de realidade.

Assim, a performance proposta – não envio das crianças às escolas – estaria associada à passagem de um estado de desconhecimento da ameaça para um estado de conhecimento a seu respeito. A sanção consistiria no resguardo da vida. Tal como um texto publicitário, a mensagem busca que a transformação se dê por meio daqueles que a recebem.

Diante dessas considerações, é possível depreender que o nível fundamental do texto abriga duas categorias semânticas: conhecimento/ *versus* / desconhecimento; vida/ *versus* / morte. O conhecimento está para a vida, enquanto o desconhecimento, para a morte. Conhecimento e vida são os termos valorados positivamente e, portanto, eufóricos no texto. Desconhecimento e morte são os termos disfóricos, valorados negativamente.

Em tom de fechamento de nossa análise, devemos apontar para um aspecto entendido por Barros (2020) como uma “anomalia” da organização textual e discursiva de textos mentirosos que pode impulsionar o desmascaramento da mentira. Trata-se da ruptura semântica, que verificamos em: “Esse é um vídeo completamente informativo e eu preciso que vocês compartilhem com o maior número de pessoas” (linhas 9-10) e “Compartilhe com as pessoas e mande aí pro maior número de amigos e familiares que você conheça” (linhas 13-14). A mensagem segue uma linha de discurso informativo até chegar nesses pontos, quando o enunciador assume um discurso apelativo acerca do espalhamento do texto. Essas duas fugas do tema central da mensagem deveriam causar estranheza no enunciatário e colocar em suspeição a veracidade do conteúdo do texto.

A ruptura semântica pode ser elucidada mediante um exame das recorrências de traços semânticos ao longo do discurso, isto é, das isotopias que asseguram coerência ao texto. A isotopia do potencial massacre delinea-se da primeira linha do texto até a linha 9, quando o percurso temático é interrompido pelo discurso “Esse é um vídeo completamente informativo e eu preciso que vocês compartilhem com o maior número de pessoas”. A isotopia volta a se configurar na sequência do texto (linha 11) até o aparecimento de “Compartilhe com as pessoas e mande aí pro maior número de amigos e familiares que você conheça” (linhas 13-14). Os trechos desencadeiam a isotopia da propagação da mensagem, na medida em que apontam para um novo percurso temático e, portanto, que reclamam uma nova leitura.

Os dois planos de leitura desenvolvidos na mensagem mostram-se relativamente desarticulados, podendo ser verificada no texto uma contraposição de isotopias que serve de indício para o enunciatário a respeito da incoerência argumentativa do texto. Apoiando-nos nisso, acreditamos que a percepção de tal anomalia, como designa Barros (2020), ocorrendo a partir da observação dos elementos desencadeadores de isotopia, apresenta-se como indispensável para desvendar a mentira do texto. Ademais, a imprecisão vocabular e gramatical presente em certos trechos – como em “Columbia” (linha 2), “essas coisas” (linha 5) e “rumo(r)” (linha 12), para citar alguns casos – denuncia o caráter duvidoso do

texto, uma vez que não são comuns em notas informativas divulgadas pela imprensa séria⁹.

Posto o exame da mensagem, na continuidade, discorreremos sobre encaminhamentos que julgamos possíveis de realização na educação básica a fim de assegurar o desenvolvimento da análise semiótica e, conseqüentemente, da leitura crítica.

4 A ANÁLISE SEMIÓTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: ENCAMINHAMENTOS DIDÁTICOS POSSÍVEIS

Conforme o principal documento normativo do ensino vigente no Brasil, ou seja, a Base Nacional Comum Curricular, doravante BNCC, a análise linguística/semiótica abarca não só conhecimentos linguísticos, como também textuais e discursivos, além daqueles relacionados aos modos de organização da linguagem. Nos termos da BNCC,

O Eixo da Análise Linguística/Semiótica envolve os procedimentos e estratégias (meta)cognitivas de análise e avaliação consciente, durante os processos de leitura e de produção de textos (orais, escritos e multissemióticos), das materialidades dos textos, responsáveis por seus efeitos de sentido, seja no que se refere às formas de composição dos textos, determinadas pelos gêneros (orais, escritos e multissemióticos) e pela situação de produção, seja no que se refere aos estilos adotados nos textos, com forte impacto nos efeitos de sentido (Brasil, 2018, p. 80).

Destacamos o fato de o documento reconhecer, na prática de análise linguística/semiótica, a realização de procedimentos e a mobilização de estratégias de modo consciente pelo estudante. Isso porque esse aspecto declara como imperativa a oferta, pela escola, de condições para o desenvolvimento, por parte dos estudantes, de habilidades necessárias ao contato com textos.

A compreensão a respeito da análise linguística/semiótica expressa pelo documento refuta atitudes que, como assinala Fiorin (2022), por vezes encontramos em contextos escolares em resposta à demanda de alunos sobre como enxergar as coisas em um texto, interpretá-lo, descobrindo os sentidos que nele habitam. Tais atitudes consistem nas declarações de que o texto precisa ser (re)lido atentamente ao ponto de ser entendido e de que certa sensibilidade inata é requerida para sua análise. Reforça-se, pois, que saber interpretar é uma habilidade que precisa ser devidamente ensinada.

Um segundo ponto que enfatizamos no texto da BNCC refere-se à admissão do impacto dos efeitos de sentido na construção textual. A menção reiterada da expressão “efeitos de sentido” no documento aponta para a Semiótica Discursiva,

9 Discini (2004) discorre sobre marcas enunciativo-discursivas características da imprensa séria e da imprensa dita sensacionalista.

com suas propriedades teórico-metodológicas, como um campo que muito pode aportar à análise de textos na escola.

Conforme outro registro da BNCC, as práticas de uso e de análise da linguagem são entendidas como interpenetráveis e retroalimentativas, sendo a separação expressa em eixos e habilidades motivada pela necessidade de organização curricular. Com efeito, a prática de análise linguística/semiótica é pensada enquanto transversal às práticas de leitura, escuta, oralidade e escrita, reconhecidas pelo documento como práticas que “oportunizam situações de reflexão sobre a língua e as linguagens de uma forma geral” (Brasil, 2018, p. 81).

Em se tratando do texto verbal, como é o caso da mensagem da qual nos ocupamos, a BNCC aponta, como focos da análise linguística/semiótica, dentre outros elementos, escolhas lexicais, arranjos morfossintáticos, progressão temática, coesão e coerência. Já no caso da análise de um texto multissemiótico (ou sincrético), segundo o documento, as diferentes linguagens (planos de expressão) precisam ser devidamente consideradas (Brasil, 2018).

Tendo em vista a indicação da Base de que a construção dos conhecimentos operadores nas análises deve ocorrer durante o Ensino Fundamental, enquanto seu aprimoramento precisa acontecer ao longo do Ensino Médio (Brasil, 2018), concebemos os encaminhamentos didáticos orientados para aquela etapa de ensino e, mais especificamente, aos anos finais (8º e 9º anos). No Quadro 1, expomos atividades de análise semiótica transversais à prática de leitura da mensagem. Para o uso em sala de aula, tais atividades podem ser adaptadas a diferentes dinâmicas metodológicas.

Quadro 1 – Atividades de análise semiótica

1. Qual é o assunto da mensagem? Quais os principais elementos do próprio texto (palavras, expressões ou fragmentos) que sustentam sua resposta?
2. O texto inicia com direcionamentos ao seu interlocutor. Quais são os itens lexicais responsáveis por isso? O que o uso dessas formas sugere quanto à relação entre os interlocutores da mensagem?
3. A primeira pessoa do discurso produz qual efeito de sentido no texto? E a terceira? Dada a alternância entre primeira e terceira pessoa, que efeito(s) de sentido(s) resulta(m) fabricado(s)?
4. Releia o segundo parágrafo do texto. As formas verbais “teria vazado” e “estariam organizando” sugerem um efeito de sentido de certeza ou de incerteza? Com base em sua resposta e considerando que a fonte da informação referida no texto não é explicitada, o que é possível depreender a respeito do conteúdo apresentado nessa parte da mensagem?
5. Como a referência a acontecimentos históricos, dos Estados Unidos e do Brasil, contribui para a construção do sentido no texto?
6. Observe as seguintes passagens do texto:
“Esse é um vídeo completamente informativo e eu preciso que vocês compartilhem com o maior número de pessoas” (linhas 9-10).
“Compartilhe com as pessoas e mande aí pro maior número de amigos e familiares que você conheça” (linhas 13-14).
Em que medida o conteúdo enunciado pelos trechos se relaciona com o tema central da mensagem? O que pode explicar o emprego dessas construções no texto?

Fonte: Elaboração própria.

O primeiro encaminhamento se volta ao tema do texto. Nessa perspectiva, é reivindicada a distinção dos principais elementos textuais indicativos do assunto da mensagem. Como segunda atividade, propomos a análise de itens lexicais responsáveis por direcionamentos ao interlocutor do texto, em que seja observado o efeito de sentido de cumplicidade sugerido quanto à relação entre os participantes da enunciação.

O terceiro encaminhamento contempla as marcas de diferentes pessoas do discurso e os efeitos de sentido de subjetividade e de objetividade por elas produzidos. Já o quarto, orienta-se para o uso de formas verbais no tempo futuro do pretérito do modo indicativo e o efeito de imprecisão fabricado.

A seu tempo, o encaminhamento de número cinco aprecia a ancoragem e o efeito de realidade que propicia. O último, por sua vez, tem a atribuição de analisar as rupturas semânticas presentes na mensagem e, com isso, culminar com o desmascaramento da mentira apresentada pelo texto.

Em suma, o quadro reúne atividades focalizadoras de escolhas lexicais e de marcas de pessoa, além de tempos e modos verbais a elas associados e que, por isso mesmo, atendem, em alguma medida, ao preconizado pela BNCC a respeito da

análise linguística/semiótica. Certamente, outras atividades de análise podem ser concebidas e desenvolvidas na educação básica.

O que apresentamos demonstra nosso interesse de que, diante do recebimento de uma mensagem como a analisada, os sujeitos possam agir criticamente. Assim, entendemos que, por meio de encaminhamentos didáticos voltados a mecanismos centrais na construção de sentidos dos textos, são criadas condições para a compreensão dos usos orientados da linguagem e, por conseguinte, para a realização de leituras críticas, dentro da escola e para além dela.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, analisamos uma mensagem mentirosa sobre um potencial ataque massivo a escolas brasileiras. Com efeito, concluímos que a construção do texto produz efeitos de objetividade e de realidade, os quais contribuem para o alcance da intenção discursiva da mensagem, que é conduzir o interlocutor às ações imediatas de compartilhar a mensagem com outras pessoas e não enviar crianças a escolas na data de 20 de abril de 2023.

Embora o texto produza efeitos de parcialidade e de incerteza, predominam os efeitos de objetividade e de subjetividade, que, combinados, são responsáveis pelo estabelecimento de confiança, aproximação e cumplicidade entre os participantes da enunciação. O efeito de realidade e a elevação do argumento de autoridade também contribuem para a consolidação do projeto discursivo apresentado pelo texto. Assim, constituem caminhos para o desmascaramento da mentira a distinção dos efeitos de imprecisão e incompletude e a observação das rupturas semânticas.

Julgamos oportuno registrar que nossa análise não teve pretensão de exaurir quaisquer aspectos da construção textual, mas sim de explicitar certas particularidades do texto, as quais consideramos que podem ser encontradas em outros textos mentirosos. Igualmente, que, por razões de delimitação do trabalho, não realizamos um exame das relações intertextuais e interdiscursivas do texto, contudo, compartilhamos do posicionamento de Barros (2020) a respeito de que esse procedimento também deve fundamentar o desmascaramento de textos mentirosos. Nesse viés, lembramos que a própria BNCC prevê a comparação entre textos noticiosos – incluindo os supostos, como é o caso das *fake news* – enquanto habilidade para o enfrentamento de notícias falsas (Brasil, 2018).

Por fim, sublinhamos que a Teoria Semiótica pode contribuir para a formação de leitores e ao debate a respeito das *fake news*. Nesse sentido, defendemos, com Gomes (2019), espaço em salas de aula para reflexões a respeito dos mecanismos linguístico-discursivos de construção de textos tendo como subsídio teórico-metodológico a Semiótica Discursiva a fim de colaborar com o exercício de leituras críticas em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. As *fake news* e as “anomalias”. **Verbum**. v. 9, n. 2, p. 26-41, set. 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/50523>. Acesso em: 09 jun. 2023.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. 6ª reimpressão. São Paulo: Ática, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a base. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 28 jul. 2023.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Ataque às escolas no Brasil**: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental. Brasília: MEC, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/grupos-de-trabalho/prevencao-e-enfrentamento-da-violencia-nas-escolas/resultados/relatorio-ataque-escolas-brasil.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2024.
- DISCINI, Norma. **O estilo nos textos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- DISCINI, Norma. HQ e poema: diálogo entre textos. *In*: LOPES, Ivá Carlos; HERNANDES, Nilton. (Orgs.) **Semiótica**: objetos e práticas. São Paulo: Contexto, 2005, p. 261-283.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 15. ed. 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2022.
- FIORIN, José Luiz. O *pathos* do enunciatário. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 48, n. 02, p. 69-78, 2004. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4297/3885>. Acesso em: 21 jun. 2023.
- GENESINI, Silvio. A pós-verdade é uma notícia falsa. **Revista USP**, São Paulo, n. 116, p. 45-58, jan./fev./mar. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/146577/140223>. Acesso em: 07 jun. 2023.
- GOMES, Regina Souza. Crise de veridicção e interpretação: contribuições da Semiótica. **Estudos Semióticos**, v. 15, n. 2, p. 15-30, dez. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/165198>. Acesso em: 14 jun. 2023.
- MORI, Letícia; LEMOS, Vinícius. Ataque a escolas: os boatos no WhatsApp que criam pânico entre pais e alunos. **BBC News Brasil**. São Paulo, 11 abril 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/ck7z92v4898o>. Acesso em: 12 jun. 2023.